

## Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.  
com estampilha..... 600 rs.  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

## Pagamento adiantado

Redacção e administração  
Rua d'Arruella n.º 119

## O POVO D'OVAR

## Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs.  
a linha.  
Annuncios e communicados, a 50 rs.  
linha.  
Repetições ..... 25 rs linha.  
Annuncios permanentes — 5 »  
Folha avulso..... 40 reis

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Séde da imprensa  
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

## A AMNISTIA

Não foi bem recebido pela imprensa do paiz o decreto da amnistia ultimamente concedida.

Esperava-se que o perdão para os crimes politicos tivesse maior amplitude, afim de abranger os implicados na revolta republicana de 31 de janeiro. E' verdade que, como appendice ao decreto vem publicada uma lista de militares amnistiados especialmente, mas tão reduzida que desperta mais a má vontade contra as excepções.

Nós queriamos que o acto de magnanimidade da realza, praticado de certo por conselhos do ministerio, fosse igual pelo menos aos decretos d'amnistia anteriormente publicados. N'estes não se via uma unica excepção, a offuscar as intenções do rei. Era alli completa a amnistia para os crimes de origem ou caracter politico e não somente para os cometidos contra o exercicio do direito eleitoral ou de origem e caracter eleitoral.

Em geral somos de opinião contraria á concessão de amnistias para os crimes politicos.

Porque foi abusando das amnistias, que os governos praticaram as maiores tropelias eleitoraes, violentando as urnas quer por meio da corrupção, quer por meio das violencias, e arrastaram o povo para a indifferença politica do que tanto os partidos se queixam.

Debalde são severissimas as nossas leis eleitoraes. Ninguem as respeita, porque todos pensam em que por um qualquer decreto publicado mais anno menos anno serão absolvidos. As pesadas penas d'essas leis cahiram por virtude das successivas amnistias em desuso e raro se instaura em juizo um processo crime para pedir a sua applicação.

A amnistia no geral produz effectos perniciosissimos, creando o desrespeito pelas leis e pelos bons costumes, tornando ousados os que por qualquer forma empregam meios para sophismar os direitos dos eleitores.

Não viesse tão amudadas vezes o perdão para esta especie de crimes, e as eleições exprimiriam melhor o sentir da nação.

Mas a amnistia d'agora reclamada em opposição pelo sr. Dias Ferreira e visando especialmente aos revoltosos de 31 de janeiro, era pedida e desejada por todos—monarchicos e republicanos.

E' que a revolução do Porto havia lançado fóra da lei muitos individuos, atulhara as prisões de soldados, que nada mais haviam feito do que obedecer á voz dos seus superiores.

Martyres de uma ideia de que talvez não percebiam o alcance, subordinados leaes, entraram na lucta cheios de entusiasmo, que breve se dissipou com as nevoas da manhã.

Vencidos, tiveram breve as sympathias do povo, sympathia que talvez não conquistassem se vencessem. Agora os seus nomes appareciam bem em evidencia na longa lista dos condemnados nos conselhos de guerra; porém se a victoria coroasse os seus planos, seriam os seus nomes offuscados por outros postos mais em evidencia.

A opinião publica vinha por isso reclamando o cumprimento da palavra do sr. Dias Ferreira. edia o perdão para todos os revoltosos — a amnistia completa, sem excepções; para que uns aceitando a mercê regia, não sentissem escrupulos ao vér no des-terro os seus companheiros.

O nosso circulo tem sido causa das repetidas amnistias. A' sombra d'ellas commetteram-se numerosos crimes e os respectivos processos foram remetidos para os archivos.

Este decreto d'agora ainda vae aproveitar aos nossos adversarios, que, como sempre, tem processos pendentes no juizo criminal.

Comtudo estimamos que taes processos fiquem no olvido e que nunca mais factos identicos se pratiquem. E' bom que não estejam sempre a contar com o perdão para os seus crimes, e que depois, quando perseguidos pelos meios legaes, não desembertem contra o poder judicial só por este cumprir com o seu dever.

Posto todos, em virtude do decreto da amnistia, no campo legal, podemos cumprir a lei. Nada mais facil, nem mais commodo. Mesmo no campo politico, procure cada um fazer vingar a sua opinião, mas por meios rasoaveis e legaes, sem offender o direito dos seus adversarios.

Esquecendo velhos processos e velhos rancores iniciemos vida nova na politica do circulo. Guerreemos-nos mas dignamente.

Oxalá o decreto da amnistia viesse apagar um passado de crimes, que durante tantos annos pesou sobre a nossa terra.

## POLITICA LOCAL

O sr. Aralla deitou correspondencia no «Jornal de Noticias». Como pelo dedo se conhece o gigante, tambem pelos sublinhados se mostra s. ex.ª, que não póde escrever qualquer coisa sem sublinhar uma palavra entre outra.

A pouco veio a tal correspondencia, que se limita a reprodu-

zir o boato tantas vezes propalado de que estamos juntos com os progressistas, e além d'isso jogar meia duzia de biscas.

Ora o sr. Aralla sabe muito bem que nós não estamos juntos com os progressistas. Por mais de uma vez temos desmentido categoricamente tal boato, estando até os aralistas ou quaesquer outros a apresentar-nos a mais insignificante prova do que asseveraram. Comtudo ao sr. Aralla convem que essa mentira corra mundo para melhor poder organizar o seu desastrado plano eleitoral.

E' de tal forma absurda essa junção com o proposito exclusivo de derrotar o snr. Aralla, que só quem não conhece a situação politica do nosso circulo a poderá acreditar.

Se o nosso grupo visasse apenas á derrota dos aralistas, bastaria retrahir-se na lucta, para os progressistas vencerem por grande maioria. Não precisavam estes do contrapezo dos nossos votos para obter a victoria contra um homem que não tem feito mais do que cavar a ruina do partido regenerador.

A prova d'isto está na constante repulção manifestada pelos eleitores de todas as freguezias e logares em acompanhar os aralistas. E, se não, digam-nos os aralistas:—das freguezias do conselho qual é aquella em que podem contar com maioria embora insignificante? Por certo que em nenhuma.

Dizer que vencem sem apontar os elementos de que dispõem, póde produzir effecto nos ingenuos, mas apenas provoca a gargalhada dos que conhecem o terreno que pisam.

O sr. Aralla desespera-se por se ver isolado, e contudo dispõe ha uns poucos annos do poder; tem sido servido por auctoridades administrativas, que, á excepção de uma, lhe acceitam as imposições.

O seu isolamento não provem pois da falta dos favores dos governos, mas apenas da sua má politica.

Poz sempre acima dos interesses partidarios o seu amor proprio e as suas commodidades; e agora, chegado o momento da lucta, quando é preciso appellar para o povo, encontra os bellos fructos do seu anterior procedimento. Nada mais justo, nem mais rasoaval.

E, vendo-se completamente perdido, consente que por ahí andem os poucos, que lhe ficaram, a ameaçar o povo com as bayonetas no dia da eleição, emquanto que nos jornaes vae jogando a sua busca aos adversarios.

Nós repellimos desde já a ameaça das bayonetas, porque não nos aterrorisam; e ás biscas

do sr. Aralla havemos de responder a sou tempo, então nos pagaremos com usura. Para isto, é por emquanto muito cedo, porque as eleições vem ainda longe.

Nós estamos convencidos de que o sr. Aralla não vae á eleição, mesmo tendo a auctoridade administrativa do seu lado. E não somos levados a tal por simples conjecturas.

Ninguem póde disputar uma eleição sem dispor pelo menos de alguma força. Ora o sr. Aralla que contava no principio da lucta com arrebatar todos os seus antigos eleitores, vendo-se agora quasi só, não quer sujeitar-se a soffrer uma derrota vergonhosissima.

Poz todas as esperanças na sua velha influencia, desfeitas ellas voltou-se para a auctoridade administrativa, pensando em que esta com as ameaças faria recuar as opposições: mas vendo que os grupos opposicionistas recalcitravam com energia, succumbiu, desanimou. Todos nós conhecemos que o desanimo do snr. Aralla, é a desistencia da lucta. As eleições de 1884 e 1887 são um bello exemplo.

Embora o snr. Aralla desista da eleição cá ficaremos nós no nosso posto para lhe mostrar quem recua e quem se uniu.

Mais um pequeno commentario á epistola do snr Aralla.

No nosso grupo, perfeitamente disciplinado não ha um só a mandar e os outros a obedecer como simples *capachos*. Esse sistema que constituiu sempre o fundo da politica do snr. Aralla não nos agrada, nem o perfilhamos.

Temos um chefe, que escolhemos e que mereceu a nossa sympathia e a nossa confiança, mas esse chefe, nos assumptos melindrosos, discute comnosco e acceita a resolução da maioria.

Se o nosso grupo tomar uma resolução importante, a responsabilidade d'ella não caberá a este ou áquelle, mas a todos, porque todos somos solidarios, todos decidimos.

Por isso tambem todos entramos unidos, e entusiasmados na lucta proxima; e entre nós não se vê o espectáculo de desanimo e incerteza que se observa no campo aralista.

O resultado da eleição ha-de dizer qual dos dois processos politicos é o melhor—se o nosso, onde todos são ouvidos, se o aralista, onde os influentes são meros creados ás ordens d'um patrão.

## Novidades

**Festividade.**—Hoje na igreja matriz solemnisa-se o Sagrado Coração de Jesus, novo.

Pela manhã haverá missa solemne a grande instrumental com sermão: á tarde, depois da pratica sahirá a procissão.

**Amnistia.**—Por virtude do ultimo decreto d'amnistia conta que vão ser archivados os processos crimes que o digno agente do ministerio publico n'esta comarca movia contra o «Ovarense» por abuso de liberdade da imprensa e contra o dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa e outros membros da comissão do recenseamento eleitoral por não ter exposto o livro no praso legal.

Oxalá entrem todos no caminho da legalidade para que não voltem ao tribunal criminal processos identicos.

**A questão das musicas.**—Porque em outro logar nos esqueceu responder á epistola do sr. Aralla publicado no «Jornal de Noticias» acerca d'esta questão, fazemol-o aqui.

Diz o sr. Aralla que a musica *Boa-União* foi por nós instigada para ir tocar á Praça no dia de Santo Antonio.

Se em tal assumpto tivessemos intervindo pessoalmente não davamos satisfação ao sr. Arallo nem a pessoa alguma: estavamos no nosso plenissimo direito, contanto que aguentassimos com as responsabilidades. Se tivessemos intervindo a philharmonica não se lemitaria a tocar em casa dos srs. Bonifacios depois de se retirar do local a philharmonica Ovarense, porque costumamos sempre tirar as ultimas consequencias de nossos actos.

Ora o que toda a gente sabe é que nos conservámos completamente extranhos a tal questão, e só depois de os factos se passarem é que expendemos a nossa opinião a respeito do procedimento do sr. administrador do conselho que em tudo seguiu a opinião do sr. Aralla.

Pautamos as nossas apreciações pelas normas de stricta justiça, importando-nos muito pouco com o que o sr. Aralla e os seus limitados adeptos pensam. E temos dito.

**Pesca.**—As campanhas de pesca foram esta semana muito felizes. Os pescadores quasi não ganharam 500 reis.

Os lanços não excederam a 30,000 reis, sendo o maior numero d'elles de pequenissima importancia.

**Desordelros.**—Um grupo de desordelros praticou na rua de S. Pedro uma serie de disturbios.

Emquanto raparigas e rapazes andavam a dançar, os do grupo entretinham-se a atirar tições d'uma fogueira proxima. Depois,

porque um ou dois d'entre elles, andavam picados com o filho mais velho do nosso amigo sr. José Eugenio dos Santos, buscavam todos meios de principiar desordem.

Os da dança retiraram-se para uma casa proxima e depois d'isso os desordeiros tentaram arrombar uma porta e uma janella para entrar lá dentro.

Felizmente veio a vizinhança acudir e nada mais se passou.

O caso foi participado ao poder judicial que lá espera os arguidos. Já na terça-feira se procedeu a exame directo nas portas e janellas.

**Chegada** — Chegou na terça-feira á sua casa de Vallega o nosso prestante amigo sr. Antonio d'Oliveira Martins.

O sr. Martins está quasi completamente curado da operação que fez no Porto.

Oxalá as melhoras continuem e que breve o vejamos de todo restabelecido.

**Regedor de Vallega** — Consta-nos que fora demittido *interinamente* de regedor effectivo da freguezia de Vallega o nosso bom amigo, sr. Manoel d'Oliveira Martins.

Já ha tempos que o sr. Aralla tinha ameaçado este nosso amigo com a demissão, só porque elle não subservia ás suas ordens. Depois o sr. Aralla andou, como Diogenes, á cata d'um lavrador ou proprietario serio d'aquella freguezia para lhe acceitar o cargo, porem todos lhe iam respondendo como os eleitores a que o sr. Aralla pede o voto.

Esta busca de regedor dura ha mais de 15 dias e até agora parece que foi infructifera. Entretanto o sr. Aralla rompeu por cima de tudo, e o sr. administrador deu, ao que consta, a demissão ao nosso amigo, apesar de ainda ha dias lhe asseverar que o não demittia, para que quem mandava na administração era elle administrador e não o sr. Aralla.

Pelo visto o sr. administrador mandou de opinião e fez bem... para nós.

O nosso amigo é um proprietario muito considerado na sua freguezia e pertence a uma familia respeitavel e prestigiosa.

Se se conservava no exercicio d'aquelle cargo era por deferencia a amigos, que instantaneamente lhe haviam pedido que não requeresse a sua demissão para ver até onde ia a desastrosa politica aralista.

Agora, que lhe foi imposta a demissão, pôde mais á vontade apresentar-se a fazer em Vallega a guerra viva ao aralismo.

Parece que o sr. Aralla anda feito commoço. Se elle converte os seus adversarios em inimigos!...

As demissões de regedores não param por aqui. Qualquer dia rebenta outra. Muito nos temos de ir....

**Ditos** — O sr. secretario da administração do concelho diz que elle com a força armada não deixará entrar ninguém na assembleia eleitoral, porque por á a cada porta bayonetadas. E diz isto publicamente, ameaçando a terra, o mar e o mundo.

Diz mais o mesmo sr. secretario que os seus caceteiros tem armas de fogo e que darão descargas contra os adversarios.

Nós perguntamos ao sr. administrador se consente que o seu secretario propale taes farroncas, capazes de metter medo... aos bebés?

Isto não se admite n'um empregado da administração do concelho.

Bem sabemos que o sr. secretario não é capaz de fazer coisa alguma do que diz: que é um bom rapaz completamente inoffensivo, mesmo muito boa pessoa; mas afinal de contas devia ser um pouco mais parcimonioso nas palavras e nas farroncas.

Com taes ditos chega algum ingenuo a pensar que administração do concelho se compõe de Farrabrazes d'Alexandria, ou de Roldões, quando é certo que alli só temos até hoje visto no sr. administrador um cavalheiro prudente e sensato e nos demais empregados boas pessoas.

Se o sr. administrador não toma cautela, o sr. secretario estraga de todo a festa e arranja para aquella repartição uma fama terrivel.

Lá que o pobre José Maria diga das suas quando tem um *grôsito na aza* não admira, mas no sr. secretario... oh! isso não se desculpa.

**Um soneto e premio.** — «El Imparcial», de Madrid, abriu um concurso para o melhor soneto que trate da protecção concedida por Isabel, a Catholica, a Christovam Colombo. O premio, de mil pesetas, é offerecido pelo sr. Waldo Vizoso.

Termina o praso em 12 de outubro. Os originaes devem ser dirigidos a D. José Ortega Munilla, director dos numeros litterarios das segundas-feiras, do «Imparcial».

O jury compõe-se de D. Emilia Pardo Basan, Emilio Castellar e Juan Valera.

**Incendio enorme.** — Tortosa, 6. — Um incendio devastador reduziu a cinzas a ponte de barcas sobre o Ebro. A origem do incendio foi uma explosão, durante os trabalhos da breação.

Impotentes todos os esforços para dominar o fogo. Muitos operarios viram-se em alguns minutos, rodeados pelas chammas.

Nenhuma victima ha que lamentar.

O fogo propagou-se ao palacio episcopal fazendo grandes prejuizos. O edificio onde está installada a alfandoga começou a arder. As perdas materiaes são enormes.

**O cholera na Russia a fome** — O *Novo Tempo* de S. Petersburgo traça um quadro terrivel dos districtos invadidos pela epidemia cholericca a qual se agrava a fome.

O panico é geral. Os cadaveres passam dias imsepultos.

Aquella folha ineita o governo moscovita a que nomeie funcionarios especiaes com plenos poderes para organizar o serviço sanitario d'um modo radical, egual ao que empregou durante a ultima epidemia o general Loris Malikoff, queimando aldeias inteiras.

Em Tsarloure e Saostow propaga-se o colera; na Trancamasia augmenta enormemente.

Os povos das margens do mar Caspio fogem aterrados levando a desolação e os germens da do-

ença por toda a região Não lembra uma epidemia tão violenta. Morrem todos os atacados.

Baku, que tem 40:000 habitantes vae-se dizimando com 160 mortos por dia.

Reina a miseria nas classes trabalhadoras.

**Grave conflicto.** — As ultimas noticias do Brazil referem que a importante manifestação organizada pela colonia italiana residente em Santos, a que deu origem o conflicto entre a policia e os tripulantes d'uma barca italiana, está completamente suffocada.

A tropa teve de dar algumas descargas para dissolver os grupos de manifestantes, havendo mortos e feridos.

Os regimentos conservam-se ainda de prevenção. Adoptaram-se outras rigorosas precauções para reprimir novas desordens.

As canhoneiras italianas que se encontravam na estação da America meridional receberam instrucções telegraphicas para ficar á disposição da legação italiana no Rio de Janeiro. As tropas do governo apoderaram-se de Corumba, na provincia de Matto Grosso onde os rebeldes se refugiaram.

Em S. Paulo reina tambem viva excitação contra a colonia italiana.

**A torre Eiffel vencida**

— Acaba de constituir-se em Copenhague uma sociedade que vai mandar construir sobre uma collina, proximo do Jardim Zoologico, uma torre de aço e ferro, com quinhentos metros de altura, podendo conter quatro mil pessoas, e que será illuminada a luz electrica.

Desta vez é vencida afinal a torre Eiffel.

## ENYGMATA

Apresento-vos hoje aqui Para vosso entretenimento Um nome. Conta tres syllabas; A segunda tem assento.

Principiemos pela primeira Para evitarmos confusão: Essa, hoje é adverbio, Outr ora foi conjunção.

Pôde-se vêr a accentuada Quero aqui declarar, Na segunda conjugação Como verbo irregular.

A primeira com a terceira Dizem certo objecto Que se vê nas embarcações, E que conheceis, de certo.

E' tambem um vegetal, Tomae agora cuidado; Que se parece com a cana Por ser por dentro furado.

O todo, caros leitores, N'uma embarcação qualquer, Conhece-se immediatamente Tenha que forma tiver.

Esclareço-vos ainda mais Para matardes á primeira; Quando se vê nas embarcações, O todo é de madeira.

Costumavam n'isto habitar Os nossos avós outr'ora. De maneira qu'está agora, Quem não o pôde matar?

Ovar, 7—Julho—92.

Bela F.

## COISAS

O juiz, para uma senhora que é testemunha:

— Menina, que idade tem?  
— Vinte annos e tanto.  
— Queira ser mais explicita.  
— Estou entre os 20 e os 30.  
— Deixemo-nos de brincadeiras.

Diga me a sua idade exacta.  
— Faço amanhã trinta annos.

Um cumulo: o Rato ser preso com outro ratão por uma ratada no Largo do Rato, e achar ratice pagar custas pro-rata.

Deus, na sua divina providencia, não deu barba ás mulheres, porque ellas não eram capazes de estar caladas enquanto as estivessem barbeando.

Na loja d'um espingardeiro.  
— Quatro libras por um revolver, acho carinho?

— Mas é um revolver da primeira ordem: bem acabado, nikelado, estriado...

— Pois por ser *estreado* deve ser mais barato, como todas as coisas em segunda mão...

— Então o Arthur depois de dar cabo da fortuna, arranjou mulher com dote gordo?

— Arranjou; mas é magra como um espectrol!

— Pois foi por isso mesmo que o Arthur se agarrou a ella. E' uma verdadeira taboa de salvação!

Entre beatos.  
— As egrejas já não se parecem com o que eram d'antes, que se conservavam quasi ás escuras; agora estão muito bem illuminadas.

— Não me pareceu; e tanto que andei por lá sempre ás apalpadellas...

Um individuo indignou-se a tal ponto por causa do conflicto com a Inglaterra, que resolveu não querer nada que fosse inglez chegando até a dar como esmola uma libra para se ver libre d'ella; porém, o que é mais extraordinario, o mendigo, que era portuguez, não a acceitou por ser diheiro inglez.

Na camara dos deputados, um d'estes diz ao presidente:  
— V. Ex.<sup>a</sup> roubou-me a palavra que me pertencia.

O presidente, serenamente:  
— Pois olhe que não fiquei rico com o roubo!

No gabinete de um especialista de olhos entra um velho.

— Tem a bondade de me examinar os olhos.

— Não vejo nada, diz o especialista, depois de demorado exame.

— Pois é exactamente o que me succede a mim, responde amargamente o paciente.

## Litteratura

### PECCADOS DA MOCIDADE

Mamã, uma gota d'agua! Tenho a garganta a arder.

— Aqui tens, meu filho, mas não bebas toda... Basta...

— Mas porque? Deixa-me beber mais... Ainda tenho sede.

— Faze um esforço para não beberes mais. O medico não tarda ahí. Elle te dará um calmante.

Estas phrases eram trocadas n'um misero aposento entre mãe e filho.

O pequeno, que teria uns sete annos, jazia no leito.

Voltara a casa gravemente enfermo; não via nada; a pelle escaaldava-lhe; tinha uma sede horrivel, os dentes batiam-lhe com violencia.

Maria, a pobre mãe, muito assustada, mettera o filho na cama e pedira a uma visinha que fosse chamar o medico. Perplexa, embaraçada, não sabia já o que havia de fazer, andando pelo quarto, de um lado para o outro, em busca de um remedio que podesse attenuar os soffrimentos do seu Carlos...

A creança queixava-se:  
— Ai, mamã, a minha cabeça... Dóe-me tanto...

— Está socogado, meu filho... Espera.

Molhou um lenço em agua e começou a banhar-lhe as fontes.

No entanto o tempo ia-se passando e o medico não apparecia.

A todo o momento parecia a Maria ouvir alguém subir a escada... Escutava ansiosa... Ninguem! Tornava para junto do leito, silenciosa, offegante, afogueada, espreitando no rosto da pobre creança os progressos do mal. A's vezes parecia lhe que o filho ia saltar fóra da cama dominado pelo delirio. E o que fazia ella então ali sósinha.

Finalmente ouviu um ruido distincto de passos, um rapido trocar de palavras em voz baixa.

Não ha que duvidar, é o doutor. Reconhecera-lhe a voz grave e severa do medico. E se elle já nada tivesse ali que fazer? Se o seu Carlinhos estivesse irremissivelmente perdido? São tantas as creanças que morrem, espertas e formosas como o filho d'ella!

Tinham batido á porta.  
— Entre, disse ella, com voz tremula.

A visinha convidou a entrar um sujeito alto, robusto, vestido de preto, de physionomia franca e intelligente.

— E' aqui? perguntou, voltando-se para a mulher que o tinha introduzido.

— Sim, senhor. Marietta, aqui tens o medico, disse a visinha em voz baixa, retirando-se em seguida.

— Oh! venha, venha, doutor...

De subito, porém, a palavra expirou nos labios de Maria, ao ver esta o homem que devia salvar o seu filho!...

O medico approximou-se da creança, examinou-a, e em seguida, aprumando-se, voltou-se para Maria e disse:

O caso é grave, mas não é desesperado. O seu filho está com um garrotinho. E' necessario uma operação.

Com certeza o perigo era imminente, visto que o medico quiz operar logo em seguida.

Maria, que se conservava um pouco afastada, collocou-se entre o medico e a creança, gritando: —Não, não!... Isso nunca! Vá-se embora.

O medico, convencido de que semelhante attitudo fôra apenas motivada pela dôr e por um sentimento de terror, aliás desculpavel, procurou socegal-a, dizendo: —Asseguro-lhe, minha senhora, que a operação nao é muito perigosa.

Talvez estivesse mentindo. No entanto, continuou:

—A operação, porém, é absolutamente necessaria. E' quasi certo que seu filho se ha de curar.

A mãe repetiu aquelle «quasi certo» com uma indescritivel angustia e em seguida perguntou anciosamente:

—E se não se fizer a operação?

O medico tornou-se taciturno e respondeu como que forçadamente:

—Então o seu filho morre.

\*  
\*\*

Passavam ao lado um do outro por baixo dos porticos do Prado Della Valle, solitarios aquella hora, nove da noite, porticos que são o ponto da reunião dos amantes, nas noites de verão, quando a lua illumina a cidade de Padua com os seus poeticos raios. Ambos jovens e formosos, caminhavam apressados e silenciosos.

Maria é a filha de uma engommadeira e trabalha como costureira para algumas casas ricas, vivendo com sua mãe muito remediadamente.

Elle disse-lhe chamar-se Henrique, ser filho de um negociante de Veneza e destinar-se á carreira medica. Promettera-lhe casar com ella apenas concluisse o curso; é sincero e leal. Não faltará á sua promessa.

Todas as noites os jovens dão aquelle passeio.

Maria nem sequer imagina que a seu Henrique possa deixal-a um dia; não reflectiu nas diferenças de condições que os separa.

Sua mãe recordou-lhe muitas vezes os perigos que o amor oculta, mas as suas palavras não deixavam ecco no espirito namorado de Maria.

Corre ligeiro o tempo para os que vivem felizes. Maria, um bello dia, tem de convencer-se de um facto que a um tempo a perturba, a aterra e a torna feliz: vae ser mãe!

Começaram os dias tristes das ancias e das vergonhas. A desgraçada deixou de ter trabalho. Deixou quasi de sahir de casa para não se encontrar com as amigas.

Um dia Henrique deixou de apparecer-lhe.

Maria nem teve forças para chorar; pouco lhe faltou para enlouquecer! Todos os seus sonhos, todas as suas esperanças se desmoronaram!

Um anno depois soube que Henrique ia casar em Veneza. Chegara a esperar que o ingrato tornaria um dia, que teria ao menos uma carta d'elle; em vez d'isso, estava tudo irremediavelmente acabado. Correu a Veneza e foi esperar o cortejo nupcial á porta da igreja, levando o filhinho nos braços. Estava decidida a fazer o mesmo que ouvira dizer que tinham feito tantas outras infelizes como ella: declarar publicamente a sua falta e a do homem que a trahira. Mas quando o viu, radiante de felicidade, ao lado da sua noiva formosa e feliz, quando comprehendeu o mal que ia causar, sentiu-se vencida. Para que perturbar aquelle idyllio? Seria possivel que Henrique a amasse ainda? Não lhe restava o seu filho?

\*  
\*\*

Maria tornava agora a ver aquelle homem, que fizera d'ella a mais desditosa das creaturas; tornava a vel-o e para possuir o unico thesouro que lhe restava na terra, devel-o-hia a elle.

Quantas tormentosas recordações, quantas angustias n'aquelles breves minutos em que Henrique se conservou debruçado sobre o leito da creança, com o ferro luzente na mão, obscuro, grave, rapido, confiando plenamente na sua obra!

O medico ergueu-se. Acabara. Voltou-se para a mãe, sorrindo, e disse-lhe:

—Haja esperança. Cheguei a tempo, O seu filho ha-de curar-se.

Maria, erecta, altiva sem uma lagrima, horrivelmente pallida, entregou algum dinheiro ao medico e disse-lhe com voz firme: —Obrigado. Salvou o nosso filho. Está terminada a sua missão. Saia.

O medico, depois de um momento de pasmo, deixou cahir da mão o dinheiro. Reconhecia finalmente aquella mulher... Recordava-se...

Fez-se muito livido, cambaleou, olhou alternadamente para a creança e para mãe e gritou, tremendo:

—Maria... tu...  
Ella, porém, empurrou-o brandamente para a porta, sempre serena e severa.

Elle sahiu febrilmente, sem se atrever a voltar-se.

Miguel Negri.

CHRONICA

Que o jornal insira algumas linhas com a epigraphe—Chronica,—é o que as minhas leitoras desejam.

Que seja grande ou pequena, pouco lhes importa, o que não podem tolerar é que haja uma falta.

E mal imaginam as leitoras o sacrificio que exigem de mim, pedindo-me hoje a chronica.

Exigir-me uma chronica hoje é obrigar-me a contrafazer a minha natural disposição; é exigir de mim um sacrificio enorme.

Ora imaginem as leitoras o seguinte:

Andava eu a passear com um amigo, fallando com elle confidencialmente em certas coisas, que precisava contar-lhe para desabafar (a respeito da A.) e, chegados a alturas tantas, encontramos um individuo que disse, dirigindo-se a mim:

—Está prompto aquillo?

—O quê? perguntei eu sem me lembrar de coisa alguma.

—Aquella coisa; não sabe?

—Ah! acudi eu logo, lembrando-me o que era, ainda não, e naturalmente esta semana...

—Não, senhor; é preciso que a faça hoje infallivelmente.

—Mas, se eu não posso ..

—Não ha objecções a fazer, vá para casa e *assovelle* qualquer coisa para remediar esta semana e para outra vez não se esqueça de a fazer a tempo e horas.

E, dizendo isto, deixou-me a sós com o amigo.

As leitoras sabem já que o homem era um empregado da redacção e que o que elle me pedia era a chronica.

Eram oito horas da tarde.

A suave e poetica viração recompensava-nos com a sua frescura do calor que havíamos sentido durante o dia.

Sentiamo-nos alli tão bem!

Mas o homem dissera—hoje infallivelmente—e, com effeito, se não fosse hoje, não ia a tempo; mas... a noite estava tão linda! Custava-me tanto vir escrever...

Afinal, tive de pedir desculpa ao amigo que me acompanhava e vir a casa fazer a chronica.

Mas creiam que, se o fiz, se não dei hoje uma *gazeta*, foi por saber que as leitoras levariam a mal, se o jornal não inserisse algumas linhas com a epigraphe—Chronica.

\*

Cá estou eu sentado á banca, mas que hei de escrever?

—Uma chronica, dirão as leitoras.

—Sim; bem sei, mas que hei de eu dizer n'essa chronica?

Fallar-vos da minha A.? Isso não, porque o meu collega *Jayme* fulminar-me-hia com os raios da sua critica.

Dizer-vos que o calor tem sido intenso?

Tambem não, porque isso já o *Jayme* o disse e vós bem o sabeis.

Que hei de então dizer?!

Não sei.

Oh! meu Deus! vós, que com o vosso infinito poder fizestes do meu collega *Jayme* um *Luiz Arauto*, fazei de mim tambem um *Jayme*. Dai-me uma penna d'ouro, como a d'elle, cravejada de brilhantes, esmeraldas, saphiras e rubis, de cujos bicos caiam sem cessar perolas finissimas, para eu offerter ás minhas inolvidaveis leitoras. Fazei de mim um chronista, como elle, capaz de transformar as lagrimas em sorrisos, as tristezas em alegrias, e as amarguras em delicias, para que eu possa, quando tiver falta de assumpto, ajudado dos recursos da alta intelligencia, que me haveis de conceder, produzir bons escriptos, para com elles deliciar as minhas leitoras e para não ter, como hoje, de lhes pedir desculpa pela falta da chronica (porque isto não é chronica.) Amen.

Se eu fôr ouvido de Deus, adoradas leitoras, não mais terei de incomodar-vos com as mi-

nhas massadas; depois deliciar-vos-hei com chronicas d'espavento.

Rogai tambem a Deus, que se digne ouvir a minha supplica, que elle é cheio de bondade e ha de attender-nos.

Até á semana.

Luiz Arauto.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATACÃO

(1.ª publicação)

No dia 24 do mez de julho proximo, pelo meio dia, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, e na execução que Francisco Fernandes de Sá Ramalho, do logar da Boa-Vista, freguezia d'Esmoriz move contra José Marques da Costa e mulher Anna Marques, do logar da Igreja, freguezia de Cortegaça, vão á praça para serem arremattados porquem mais offerecer sobre a avalição os **uzo-fructos**, pertencentes aos executados, dos seguintes predios:

O **uzo-fructo**, avaliado em 80\$000 reis, d'umas casas terreas, cortinha lavradia pegada e mais pertenças, sitas no logar da Igreja, allodial;

O **uzo-fructo**, avaliado em 30\$000 reis d'uma terra lavradia chamada o «Rodello», sita no logar d'Aldeia, allodial;

O **uzo-fructo**, avaliado em 60\$000 reis d'uma terra lavradia e pinhal pegado, chamada a Areia grande, sita em Aldeia, allodial;

O **uzo-fructo**, avaliado em 18\$000 reis, d'um terra lavradia com um bocado de matto chamada a Areia pequena, sita em Cortegacinhas;

O **uzo-fructo**, avaliado em 3\$000 reis d'um pinhal, chamado a «Deganha» sito na Igreja, allodial;

O **uzo-fructo**, avaliado em 20\$000 reis da vigesima segunda parte da terra chamada a Ribeira do Passal e respectivo moinho, sita no logar da Igreja, allodial, todas sitas na freguezia de Cortegaça.

Por este meio são citados os credores incertos dos executados para deduzirem os seus direitos.

Ovar, 30 de junho de 1892

Verifiquei  
Salgado e Carneiro

O escrivão  
Antonio dos Santos Sobreira

(149)

Annuncios

VENDA DE CASA

Vende-se uma casa alta com armazem, sita na rua de S. Bartholomeu pertencente a Antonio Pinco.

OVAR

AGRADECIMENTO

Manoel Martins d'Oliveira Vaz e sua familia, tanto presente como ausente, agradece a todas as pessoas das suas relações que se dignaram assistir á missa resada na igreja matriz d'esta Villa no dia 30 do mez findo para suffragar a alma de sua para sempre chorada filha, Maria José d'Oliveira Vaz, bem como a todos os cavalheiros que se tem dignado cumprimental-o depois da sua chegada, e a todos protesta o seu inolvidavel reconhecimento.

AGRADECIMENTO

Anna de Jesus da Silva Faustino, Rosa de Jesus Faustino, Maria de Jesus da Silva Faustino, Joanna de Jesus da Silva Faustino, Monoel Ferreira Dias e Manoel Roiz Conde (auzente) agradecem penhorados a todas as pessoas que acompanharam o sahimento funebre do seu chorado padrinho Antonio d'Oliveira Gomes Dias.

Ovar, 1 de julho de 1892.

DECLARAÇÃO

Luiz Augusto Valerio de Carvalho, regente da philarmónica Boa-União, declara para todos os effeitos que d'hoje em diante usará d'esta assignatura Luiz Augusto de Lima.

Ovar, 1 de julho de 1892.

MARÇANO

Precisa-se d'um marçano habilitado para uma loja de mercearia.

Ordernado o que se combinar.

Carta a esta redacção.

Gazeta dos tribunaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fôr promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 meses)..... 1\$200  
Por duas series (um anno) 2\$400

Não se aceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

LEO TAXIL

## OS MYSTERIOS

DA

## FRANC-MAÇONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.<sup>o</sup> FRANCISCO CORREIA PORTOCARREIROCom uma dedicatória  
do auctor a sua magestade

## A RAINHA D. AMELIA

Com auctorisação do em.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr.

CARDEAL D. AMERICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve  
de S. Santidade Leão XIII, animando-o,  
e abençoando-o, e que foi louvado  
pelos ex.<sup>mos</sup> e rev.<sup>mos</sup> srs.Arcebispo de Paris, Arcebispo  
de Rennes, Bispo de Montpel-  
lier, Bispo de Coutances, Bispo  
de Seez, Arcebispo de Gran, Ar-  
cebispo de Turim, Bispo de Sois-  
sons, Arcebispo de Colocza, Ar-  
cebispo de Auch, Arcebispo de  
Napoles, Bispo de Rodez, Bispo  
de Bayeux, Arcebispo de Cham-  
bery, Bispo de Bannes, Bispo de  
Marselha, Arcebispo d'Aix.A obra constará de dous vo-  
lumes distribuida em fasciculos  
de 32 paginas de texto com qua-  
tro ou mais gravuras. Preço de  
cada fasciculo 100 reis, pagos no  
acto da entrega; para as provin-  
cias é franco de porte. Os assi-  
gnantes da provincia pagarão de  
cinco em cinco fasciculos, envi-  
do-se-lhes n'essa occasião o com-  
petente recibo. Concluida a pu-  
blicação será elevado o preço.Distribuir-se-hão tres fascicu-  
los por mez. Todas as pessoas  
que angariarem dez assignaturas  
e se responsabilisarem pelo seu  
pagamento, receberão um exem-  
plar gratis.Acceitam-se correspondentes  
nas terras onde os não ha; a  
commissão é de 20 p. c., garan-  
tindo mais de cinco assignaturas.Assigna-se em todas as livra-  
rias do reino e em casa do edi-  
tor Antonio Dourado, rua dos  
Martyres da Liberdade, 113—  
Porto, a quem deve ser dirigida  
toda a correspondencia.

## BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 480 PAGINAS

Os romances, mesmo os maio-  
res, nunca excederão o preço de  
400 ou 500 reis, como por exem-  
plo o celebre romance OS MY-  
STERIOS DE PARIS, (5 volu-  
mes) que nos propomos publicar  
mais tarde, e que apenas custará  
CINCO TOSTOES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

## UM TIRO DE REWOLVER

POR

JULIO MARY

A este seguir-se-hão—*O Cas-  
tello da Raiva* de L. Stapleau—  
*Um drama de revolução* de Er-  
nesto Daudet *Mont Oriot*, de  
Guy de Maupassant.—*O grande  
industrial* e *Sergio Panine* de  
George Ohnet.—*Clotilde* de Al-  
phonse Karr.—*Sapho* de A. Dau-  
det.

## CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume  
pago no acto da entrega 100  
réis.Provincias, ilhas e ultramar,  
cada volume, franco de porte  
120 réis. Pagamento adiantado.Assigna-se em Lisboa no es-  
criptorio da Empresa da BI-  
BLIOTECA ECONOMICA, T.  
da Queimada, 35.

## REPORTORIO SYNOPTICO

DA  
LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

POR

J. GARCIA DE LIMA

Cada fasciculo em formato  
grande, bom typo e bom papel  
100 réis; pelo correio 105 réis.  
Requisições á Empresa Editora  
—LETRAS E LEIS.A cobrança é feita por séries  
de seis fasciculos. — Beco da Amo-  
reira, 9, 3.<sup>o</sup>No prélo:—Dicionario de Ju-  
risprudencia e Legislação Portu-  
gueza. Preço do fasciculo 100 réis;  
pelo correio 105 réis, pedidos á  
empresa editora —LETRAS E  
LEIS.

## OS BURROS

OU

O REINADO DA SANDICE

*Poema heroico-comico, satyrico,  
em seis cantos, reproduzido  
in-extenso com todas as liber-  
dades do original.*

Preço, br. . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte  
quem enviar a sua importancia em  
estampilhas ou vale do correio.A' Livraria—Cruz Continho  
—Editora. Rua dos Caldeireiros,  
18 e 20—Porto.

## AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.<sup>a</sup>  
26, Rua do Marechal Saldanha  
26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

OS

Companheiros do punhal

PR

L. STPLEAUX

Romance dramatico da maior sensação  
ILLUSTRADOPor semana uma caderneta ao  
preço de 60 reis.Publicada a 1.<sup>a</sup> caderneta e  
á venda n'esta localidade e nos  
escriptorios da Empresa editora,  
1, rua de D. Pedro V, 3 e 5,  
Lisboa, onde se dirigirão os pe-  
didos.

## O BARATEIRO

LOJA DE FAZENDAS

DE

ARNALDO A. DA SILVA MOURA

PRAÇA D'OVAR

Faz lembrar a todos os seus  
amigos e freguezes, bem como ao  
respeitavel publico, qua tem no  
seu estabelecimento um lindo e  
variado sortimento de fazendas  
de todas as qualidades, das quaes  
menciona:Flanellas d'algodão, cheviotes  
pannos familias e domesticos, chi-  
tas pretas, brancas e de côr, ris-  
cados, zephires, lenços de varias  
qualidades, chailes pretos e de  
côr, nacionaes e estrangeiros, mo-  
rinos de pura lã, castorinas as  
mais modernas, picotilhos, case-  
miras pretas e de côr tanto naci-  
onaes como estrangeiras, camiso-  
las de malha de lã e de algodão  
tanto para homem como para sen-  
hora, botões de phantasia pretos  
e de côr, guarnições de seda e lã,  
bem como muitos outros objectos  
existentes na sua loja, que é im-  
possivel annunciar.Tambem faz publico que no  
seu estabelecimento vende fato fei-  
to, tanto para homem como para  
creanças, comprehendendo calça,  
collete e casaco de varias quali-  
dades e boa casemira, bem como  
se encarrega de qualquer peça  
d'obra que lhe encomendem.Vende tudo por preços sem  
competidor. Portanto meus ami-  
gos e freguezes, é aproveitar  
antes que venham os nossos direi-  
tos d'Alfandega porque depois  
tudo sobo.

## A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS  
PARA AS FAMILIASPublicou-se o n.<sup>o</sup>  
de 1 de JulhoPreços: 1 anno réis  
4\$000—6 mezes 2\$100  
rs.—Numero av lso rs.  
200.LIVRARIA CHARDRON, LU-  
GAN & GENELOUX, SUC-  
CESSORES—PORTO.

MAUXICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA  
ARTES E OFFICIOSVariadas e curiosas recei-  
tas e processos de physica e  
chimica pratica sobre artes,  
Economia domestica, Photo-  
graphia, etc.

BECREAÇÕES SCIENTIFICAS

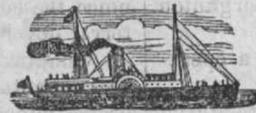
Surprehendentes sortes e  
experiencias, Cryptographia,  
methodos para corresponden-  
cias secretas, 27 gravuras ex-  
plicativas.A' venda em todas as liv-  
rarias.

Preço. . . . . 400 réis

" . . . . . 420 "

Deposito—Livraria Portu-  
gueza, Loyos, 56—Porto.Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco,  
Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros  
portos do BrazilVendem-se passagens a preços **multo reduzidos** pa-  
ra todos aquellos portos dos Estados Unidos do Brazil.Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos  
acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulhe-  
res e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compro-  
missos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer  
trabalho e residirem onde quizer.Vendem-se tambem a preços commodos passagens para  
os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Orient-  
tal.Preparam-se todos os documentos necessarios e aprom-  
ptam-se gratuitamente.Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assigna-  
dos, agentes das companhias se lhes dirijam para obter  
qualquer passagem.Os agentes em Ovar,  
Antonio da Silva Nataria  
Antonio Ferreira Marcellino.

## Africa Portugueza

CARREIRA DE MAGNIFICOS PAQUETES DE  
COMPANHIAS PORTUGUEZAS PARA A AFRICA  
OCCIDENTAL E ORIENTALPreços resumidos muito inferiores ás tabellas das ou-  
tras agencias: para S. Thomé 34\$000 reis; Ambriz e Loanda  
38\$000 reis; Benguella 142\$000 reis; Mossamedes 46\$000 reis.

BRAZIL

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Rio  
Grande do Sul, e mais portos, e pelos paquetes das Compa-  
nhias Mala Real Portugueza, Mèssageries Maritimes, Mala  
Imperial Allemã, Pacifico e Chargéurs Reunis, vende-se pas-  
sagens por preços muito reduzidos. Preço minimo em 3.<sup>a</sup>  
classe 27\$000 reis.Pelos paquetes das mesmas Companhias, tambem se  
concedem passagens GRATUITAS a familias de artistas, tra-  
balhadores e lavradores; homens com mulher e filhos, netos  
ou enteados, mulher casada, com seus filhos ou netos, pae  
com um ou mais filhos ou netos, avó ou avó com seus des-  
cendentes, homens casados ou solteiros e mulheres casadas  
ou solteiras, com tanto que sejam validos e queiram ir em-  
pregar-se LIVREMENTE, nos trabalhos que mais lhes con-  
venha, em diferentes provincias do BRAZIL, os quaes teem  
á sua chegada ao Rio de Janeiro, hospedagem GRATIS du-  
rante 8 dias, e transporte tambem GRATIS para qualquer  
terra para onde perfiram ir viver.Passagens em todas as condições e negocio tratado  
com seriedade.Para esclarecimentos e contracto, dirigir unicamente em  
—Ovar, Antonio Conceição, praça e rua dos Campos e em  
Aveiro, Manoel J. Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 23

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição  
correcta e augmentada pelo  
auctorSairá em cadernetas semanaes  
de 4 folhas e estampa 50 réis.EDITORES BELEM & C.<sup>a</sup>

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO  
Major de Infantaria  
e ex-professor do Lyceu Central do  
Porto—  
PORTO

Magalhães &amp; Moniz—Dditores

CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS  
E CRIANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmento

"

Amelia de Moraes Sarmento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde  
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

759, RUA DO ALMADA, 759,

PORTO